



## *O Espelho Partido: a memória interrompida*

*Nelson Rodrigues Filho\**



Fonte: Acervo da Academia Brasileira de Letras.

No ano de 2007 comemora-se o centenário de nascimento do acadêmico Marques Rebelo, pseudônimo de Edyr Dias da Cruz. Nascido em Vila Isabel, tijucano por formação, torcedor fanático do América, o escritor e jornalista transitou, com rara competência, pelos vários gêneros textuais: crônica, ensaio, conto, romance, literatura infantil, biografia, relato de viagem e literatura didática.

Sua ficção é fiel ao Rio de Janeiro de seu tempo, retratando a vida suburbana e estratificada, assim como o submundo (até certo ponto romântico em comparação ao de hoje) que subjazia aos sinais de modernidade competitiva marcada pela presença dos primeiros arranha-céus e da influência de Hollywood.

\* Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Professor Titular e Coordenador do Curso de Letras da Universidade Gama Filho (UGF). E-mail: nelrofi@uol.com.br.



Prosa finíssima e, paradoxalmente, simples, de um mestre da narrativa, dramatiza, em tipos, gestos e diálogos, sonhos e frustrações, esperanças e malandragens, dos que lutam, sem perspectivas, para sobreviver. Como ressaltou Mário de Andrade, os personagens de Marques Rebelo situam-se numa zona indistinta entre classes: mocinhas aventureiras, mocinhas casadoiras, funcionários de baixa categoria, prostitutas, boêmios, malandros, sambistas, gente que não é nem proletária, nem chega a ser da pequena burguesia, quase sempre seres de uma prodigiosa indefinição social.

Pertencente à Geração de 30, legítimo representante da produção neo-realista, a ficção de Marques Rebelo (com algum toque de *flâneur*) segue a linha iniciada por Manuel Antônio de Almeida (de quem era fiel admirador, chegando-lhe a escrever a biografia), Lima Barreto, Machado de Assis, herdeiro deste na capacidade de tratar seus próprios casos e do cotidiano com fina ironia, sabendo, com propriedade, exercitar o distanciamento narrativo.

## O memorialista

Dentro da obra de Marques Rebelo, ocupa especial relevância a série denominada *O Espelho Partido*, prevista para sete tomos, mas interrompida no terceiro, por força da morte do autor. *O Trapicheiro*, *A Mudança* e *A Guerra Está em Nós*, sob o título geral *O Espelho Partido*, abrangem o período de 1936 a 1940, coincidente com o Estado Novo,

no plano nacional, e com a ascensão do nazi-fascismo, no plano internacional.

Utilizada a técnica do diário, influência declarada de Jules Renard, o tempo será marcado como *lembrança atual*, uma escolha que se opera na memória, não como reprodução do passado, mas um “presente do passado” agostiniano, que se vai desdobrando em consciência. Desenvolve-se um processo de montagem intertextual, acolhendo fragmentos de discursos, em vários registros e com vários tratamentos, que vão da citação à paródia, naquilo que Bakhtin atribui ao ser próprio do romance: “representação do discurso de outrem”.

Essa opção textual abriga uma pluralidade de pontos de vista que confunde a dimensão individual, intimista e autobiográfica com a dimensão histórico-cultural, a partir de motivos constantes: o tempo, a morte, as mulheres, as relações pessoais e sociais, a infância, a adolescência e a vida adulta, o universo cultural, na convergência ou similaridade do biográfico com o político-social.

Num amplo painel, figuram-se saberes, costumes, hábitos, ecos de discursos que vão promovendo, no feitio de *roman-à-clé*, o desfile de intelectuais, escritores, políticos, artistas, burocratas – mal ocultados na falsidade dos nomes – no espaço característico do Rio de Janeiro do futebol, dos bares, dos clubes carnavalescos, da imprensa, da burocracia, em pleno Estado Novo.



Desloca-se o eixo narrativo, relativamente às obras anteriores do autor. O foco não se dirige mais à prostituta, ao malandro, ao boêmio de classe inferior, à família pobre e sonhadora, mas ao intelectual e à classe pequeno-burguesa a que pertencia o autor (agora, personagem e narrando em 1ª pessoa, em lugar da 3ª pessoa onisciente dos outros romances).

Num olhar pessimista, a narrativa vai traçando as relações de poder do Estado Novo por meio de uma leitura transgressora do discurso oficial, desmitificado pela apresentação das relações concretas que subjazem ao discurso citado.

Dois comportamentos observam-se, então, em face da construção narrativa.

No primeiro, o narrador-personagem, por meio do monólogo, faz do leitor, confidente do sujeito insatisfeito, irônico, amante, com mais idiosincrasias do que simpatias. É aí que ele trata, particularmente, das mulheres de sua vida: a mãe lembrada com afeto, admiração e saudade; a mulher amada, com a decepção de um homem dominador que não conseguiu dominar; a irmã, objeto de crítica pelo exagerado domínio exercido sobre o cunhado; a prima com ares aristocráticos, a quem trata com ironia; e a mulher, de quem conserva distância, negando-se até a nomeá-la; tudo isso justificando a epígrafe dos três tomos, citação extraída de *Memórias de Minha Vida Morta*, de George Moore: “A memória de todos os homens é um espelho de mulheres mortas”.

No segundo, o narrador-receptor registra o discurso do outro, utilizando-se da citação, da

paródia, do diálogo, do registro epistolar, da notícia jornalística, da informação radiofônica, com que constrói o perfil cosmopolita da cidade num período totalitário, um universo de linguagens e discurso-síntese do país e do exterior.

Trata-se, em última instância, do retrato da capital do Estado Novo, a cidade com seu jeito boêmio, carnavalesco, das reuniões burguesas, do homem da zona norte, palco da repressão e do totalitarismo do Estado político-militarista, sustentado na propaganda e divorciado da sociedade.

## Historiografia e ficção

Como é próprio do discurso memorialístico, a imaginação e a história se confundem na reminiscência textual. E *O Espelho Partido* não é exceção.

O discurso historiográfico, na intenção de dizer a verdade, tem a pretensão da objetividade, da explicabilidade, da documentalidade e da argumentalidade. Como lembra Barthes, o estatuto do processo da narrativa historiográfica não é jamais da negação e da interrogação, mas sempre da afirmação, não cabendo a dúvida e tendendo a confundir a palavra com a situação apenas significada por ela.

A ficção, ao contrário, finge dizer a verdade e, sendo o discurso do possível e do imaginário, retoma a diferença entre ser e representação, entre o fato ocorrido e o evento construído pela linguagem. E intimiza a história,



naquilo que, no discurso historiográfico, representa um plano geral e está submetido a uma metalinguagem conceitual. As memórias, como discurso da experiência, da vivência, do testemunho, reúnem como evento, o fato e a imaginação do fato, confundindo estória e história. O memorialista pode, por isso, reler o anverso da historiografia, operar um tipo de “cacografia intencional”<sup>1</sup> (má escrita em relação à escrita oficial), ao pôr em confronto o institucional e o vivido.

Marques Rebelo não faz outra coisa. Na convivência textual de *O Espelho Partido*, o fato literário que constitui o texto faz-se numa rede de relações metatextuais.

Com o texto político do Estado Novo e do nazi-fascismo, na citação dos discursos de comunicados burocráticos e jornalísticos, em confronto com os discursos (diálogos) dos personagens, que os denunciam, ao mostrar a violência do poder (prisão, ameaça, censura, extradição) justificada por este como necessidade moral, nos ideogramas<sup>2</sup> de positividade – paz, harmonia social, tranqüilidade do cidadão, tradição, família, segurança, integridade da nação –, em face dos “perigos” do comunismo, da destruição da família, do internacionalismo (ideogramas da negatividade).

Por um processo de inversão enunciativa, o ouvinte do discurso oficial (em forma de citação) pode transformar-se em emissor do discurso que faz daquele, objeto de um paradoxo, e faz do senso, não-senso.

Dialoga com o texto da historiografia, ao escrever a “cacografia” do discurso positivista, a partir do descentramento de vozes que enfrentam, reinscrevendo, com a pluralidade de versões, o texto pré-existente e arguindo e desmascarando o clichê da verdade única, por meio do paradoxo, que torna possível a circulação da verdade múltipla. Com os textos da série literária, ao recuperar a tendência memorialista do romance urbano do Rio de Janeiro (Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto, Raul Pompéia, Machado de Assis), estabelecendo, neste particular, um modo de escrita que relê textos literários pré-existentes, numa dialética de tradição/transformação.

## Memória interrompida

No espelho da memória, em *O Espelho Partido*, o sujeito como autotexto, texto organizador de toda a narrativa, vai em busca da própria imagem. Os ecos dos múltiplos discursos com que deseja recuperar, no outro, a sua identidade, devolvem-lhe a imagem fragmentada e fugidia. Onde busca a diferença, reflete a semelhança que o inclui (o meio intelectual, a impotência e a cooptação do intelectual pequeno-burguês em face do poder instituído, a decadência do mundo burguês e em transformação num momento de totalitarismo).

A experiência confunde-se com o testemunho histórico. Mais do que o espelho de uma época, o memorialismo de Marques Rebelo, incorporando o *já-visto*, o *já-lido*, o *já-ouvido*,



o *já-feito*, nos dá um drama enciclopédico das décadas de 30 e 40 do Rio de Janeiro, com o testemunho dos hábitos, costumes e contradições pela via do aproveitamento de socioletos<sup>3</sup> que o processo literário reescreve.

O autor possuía plena consciência do seu projeto literário. Isso fica demonstrado em depoimento de 1973, na revista *Ficção* (nº 01, jan. 1976): “... em consciência é nos meus romances que mais me encontro, perseguindo a decadência do mundo burguês, saudoso dos tempos mais serenos e estáveis, não importam os erros que continham a sua estrutura. E na série de romances *O Espelho Partido*, árduo trabalho de tantos anos, creio ter conseguido tudo quanto almejei”. O que vem a reafirmar o que dissera em entrevista a Paulo Francis, em 1961 (*O Simples Coronel Madureira*.

Rio de Janeiro: BUP, 1967, p.17), quando já escrevia *O Espelho Partido*: “... nós terminamos, apesar de todo o nosso senso de realidade, por não distinguir o dia do sonho, como diria Rilke. E dessa confusão é que me foi saindo *O Espelho Partido* – caco a caco, mistura de biografia e ficção. Mas ao cabo de um grande espelho de minha e de outras vidas, igualmente ásperas, um espelho de nossa época. Ele é muito camuflado. Nele se confundem o homem e o escritor sofrendo o mesmo drama – não saber para o que veio, não sabendo o que foi, não sabendo para onde irá e o que legará”.

As declarações de Marques Rebelo ficam comprovadas no próprio legado do escritor, bem como a coerência entre o projeto e a realização. A lamentar, a interrupção de sua memória, pela morte, em 1973.

## Notas

- <sup>1</sup> Cacografia intencional: no sentido barthesiano de má escrita, ou seja, a escritura que reescreve transgressivamente o discurso institucionalizado (a língua, enquanto forma e sentido único), buscando fazer aparecer sentidos ocultos e possíveis.
- <sup>2</sup> Ideograma: segundo Antônio Houaiss, componente mínimo de uma ideologia.
- <sup>3</sup> Socioleto: variedade lingüística de uma comunidade, de uma classe etc...

